

A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E PEDAGOGIA PARTIR DA OBRA DE MAGISTRO, DE AGOSTINHO DE HIPONA

THE RELATIONSHIP BETWEEN LANGUAGE AND PEDAGOGY FROM THE WORK OF MAGISTRO, BY AGOSTINHO DE HIPONA

LA RELACIÓN ENTRE LENGUA Y PEDAGOGÍA DEL TRABAJO DE MAGISTRO, POR AGOSTINHO DE HIPONA

Magno Lessa do Espírito Santo

Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV). Especialista em Teologia Bíblica do Novo Testamento Aplicada pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR). Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e pelo Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD). Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas (ICSH). Docente do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ).

Dênison Gleison Martins da Silva

Doutor em Filosofia pela Pontificia Università Lateranense, PUL, Itália. Mestre em Filosofia pela Pontificia Università San Tommaso D'Aquino, PUST, Itália. Graduação em Teologia pela Pontificia Università della Santa Croce, PUSC, Itália. Graduação em Pedagogia pelo Claretiano Centro Universitário. Docente do Centro Universitário São José de Itaperuna (UNIFSJ) e do Instituto de Filosofia e de Teologia Sedes Sapientiae (Campos-RJ).

RESUMO

O presente artigo analisa a relação entre linguagem e pedagogia em Agostinho de Hipona a partir da obra *De Magistro*, partindo da seguinte pergunta: Como Agostinho concebe a finalidade da linguagem no ato de ensinar? Nessa obra, Agostinho apresenta a relação entre sinais e significados (filosofia da linguagem) e a natureza do aprender ou do ensinar (pedagogia). Essas duas questões, por mais que pareçam diversas, são discutidas por Agostinho com a finalidade de compreender como o homem pode obter a verdade. Além do mais, fez-se necessário entender o papel do mestre humano (professor) no processo de ensino e aprendizagem proposto por Agostinho, visto que o mestre humano não ensina a verdade, mas estimula o discípulo a descobrir a verdade.

Palavras-chave: Linguagem, Pedagogia, *De Magistro*, Professor, Verdade.

ABSTRACT

This article analyzes the relationship between language and pedagogy in Augustine of Hippo from the work *De Magistro*, starting from the following question: How does Augustine conceive the purpose of language in the act of

teaching? In this work, Augustine presents the relation between signs and meanings (philosophy of language) and the nature of learning or teaching (pedagogy). These two questions, however diverse they may seem, are discussed by Augustine in order to understand how man can obtain the truth. Moreover, made it necessary to understand the role of the human master (teacher) in the teaching and learning process proposed by Augustine, since the human teacher does not teach the truth, but encourages the disciple to discover the truth.

Keywords: Language, Pedagogy, *De Magistro*, Teacher, Truth.

RESUMEN

Este artículo analiza la relación entre lenguaje y pedagogía en Agustín de Hipona a partir de la obra *De Magistro*, a partir de la siguiente pregunta: Cómo concibe Agustín el propósito del lenguaje en el acto de enseñar? En este trabajo, Agustín presenta la relación entre signos y significados (filosofía del lenguaje) y la naturaleza del aprendizaje o la enseñanza (pedagogía). Agustín discute estas dos preguntas, por diversas que parezcan, para comprender cómo el hombre puede obtener la verdad. Además, era necesario comprender el papel del maestro humano (maestro) en el proceso de enseñanza y aprendizaje propuesto por Agustín, ya que el maestro humano no enseña la verdad, sino que alienta al discípulo a descubrir la verdad.

Palabras clave: Lengua, Pedagogía, *De Magistro*, Docente, Verdad.

INTRODUÇÃO

O livro *De Magistro* (O Mestre) foi escrito em Tagaste, na África, em 389 d.C., três anos após a conversão de Agostinho. Neste período, o pensamento agostiniano procurava definir a relação entre fé e razão; buscava individualizar os meios para se compreender racionalmente os conteúdos doutrinários do cristianismo. Em outras palavras, o ato de fé ou adesão a Cristo não poderia contradizer a natureza racional. Caso contrário, o homem estaria impedido de cumprir o ato intelectual necessário à *visio Dei* – ou visão beatífica – e, portanto, seria incapaz de alcançar o seu fim último (PIERETTI, 1990, p. 14-15).

Na obra citada, Agostinho trata de dois temas intimamente ligados, a saber: a relação entre sinais e significados (filosofia da linguagem) e a natureza do aprender ou do ensinar (pedagogia). Essas duas questões são

aparentemente diversas, mas na verdade servem a uma única finalidade: entender como o homem pode obter uma verdade que seja também causa da sua autorrealização existencial. Diante disso, seguem as perguntas que norteiam a pesquisa: trata-se de uma experiência meramente sensível obtida através dos discursos humanos constituídos de sinais e palavras? Qual é a verdadeira natureza da alma humana que torna possível a sua participação em uma verdade que, em si, provoca a felicidade humana?

Essas e outras questões emergem da reflexão temática que perpassa a obra agostiniana considerada no presente artigo, que entende sublinhar a íntima relação entre a linguagem e a pedagogia. A relevância da presente abordagem encontra-se no fato de que, no pensamento de Agostinho, uma formação integral do humano precisa ter presente o valor da interioridade, da autocrítica, do conhecimento pessoal, do reconhecimento do valor de si mesmo. Afinal, no *De Magistro*, o mestre verdadeiro é o interior, fato que não exclui o papel e importância do mestre exterior no processo de aprendizagem.

Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa é traçar um perfil da figura do mestre e a sua importância no processo da busca pela verdade e, conseqüentemente, da felicidade humana. Para cumprir esse intento, observar-se-á o método expositivo-argumentativo, que permitirá ao leitor fazer uma leitura estrutural do texto filosófico e colher os argumentos que sustentam a posição de Agostinho. Trata-se de uma pesquisa exploratória e de natureza qualitativa, articulada em duas seções: a primeira, aponta a finalidade das palavras; a segunda, trata da função do mestre ou do processo de interiorização.

A FINALIDADE DAS PALAVRAS

Esta primeira seção exporá a filosofia da linguagem agostiniana, que depende essencialmente de duas questões: a Teoria dos Sinais e a Teoria da Iluminação. Na primeira parte da obra (parágrafos 1-18), Agostinho abre o diálogo com seu filho Adeodato questionando as possibilidades de se ensinar: “Que achas que almejamos quando falamos?” (AGOSTINHO, 2008, p. 359, l.1). Diante dessa pergunta, Adeodato responde: “pelo que ocorre agora, pretendemos ensinar ou aprender” (AGOSTINHO, 2008, p. 359 l.1).

Agostinho concebe, em um primeiro momento, que a linguagem tem o objetivo de ensinar, mas não entende como com ela se pode aprender algo. No entanto, Adeodato questiona-o afirmando que muitas vezes usamos a fala apenas para expressar palavras, como no momento em que cantamos, uma vez sozinhos, não pretendemos ensinar a alguém. Nesse momento, Agostinho introduz o conceito de ensino por recordação.

Entretanto, creio que há certa maneira, realmente importante de ensino por meio da recordação, o que o próprio assunto mostrará nesta nossa conversação. Mas se não achas que aprendemos quando recordamos, nem ensina aquele que recorda, não me oponho a ti. Mas já de início ponho duas razões do falar: ou para ensinar ou para suscitar recordações nos outros ou em nós mesmos, o que fazemos também quando cantamos (AGOSTINHO, 2008, p. 360 l.1).

A fala objetiva a recordação. Assim, em seu artigo “A insuficiência da linguagem: apontamentos a respeito do *De Magistro* de Agostinho”, Spica (2010, p. 72) salienta que, diante das objeções de Adeodato, Agostinho introduz a recordação à finalidade da linguagem. Nas palavras de Agostinho:

Assim, com a linguagem nada mais fazemos do que recordar, uma vez que a memória na qual estão gravadas as palavras, revolvendo-as faz com que venham à mente as próprias coisas das quais as palavras são sinais (AGOSTINHO, 2008, p. 362 l, 2).

Pode-se perceber, conforme Horn (2006, p.7), no artigo Teoria Linguística dos Sinais, duas funções nas quais as palavras aparecem como sinais. Primeiramente, como função substitucional: na medida em que as palavras designam algo, como sinais, e estão para esse algo como que “a modo de substituição”, são apenas sinais e, portanto, ao falar estamos apresentando sinais, os quais indicam as coisas significadas. Outrossim, segundo esse autor, as palavras podem ser tomadas num sentido mais geral, isto é, constitutivo do conhecimento. “Na medida em que formam o veículo de uma expressão, de narrativa ou de uma argumentação oral ou escrita” (HORN, 2006, p.7).

Para Horn (2006, p. 6-7), a tese de que as palavras representam sinais é um ponto de destaque no pensamento agostiniano, razão pela qual,

repetidamente, os estudiosos afirmam que Agostinho é o patrono da semiótica, da semântica ou ainda da teoria do significado linguístico.

Cumprido destacar a influência do pensamento platônico nos escritos agostinianos. Na obra *Mênon*, Platão apresenta o diálogo de Sócrates com Mênon sobre a possibilidade da aquisição do conhecimento. Sócrates tenta convencer Mênon de que o conhecimento se dá por meio da rememoração (recordação), “pois, pelo visto, o procurar e o aprender são, no seu total, uma rememoração” (PLATÃO, 2001, p. 53, 81.e).

Segundo Platão, o nosso conhecer é recordar. Sendo a alma preexistente, antes de sua encarnação no corpo, a alma contempla o Mundo das Ideias. Como o Mundo Sensível é cópia do Mundo das Ideias, o seu encontro com o corpo desperta na alma a recordação das Ideias. “Por exemplo, a vista das coisas belas faz despertar em nós a Ideia de Beleza; a vista das coisas justas faz despertar em nós a Ideia de justiça” (MONDIN, 1981, p.71).

No entanto, Gilson (2006, p. 147-148) levanta um questionamento digno de nota, pois, segundo ele, se por um lado não existe um único texto em que Agostinho afirme indiscutivelmente a preexistência da alma,

por outro lado, sobretudo nos seus primeiros escritos, ele emprega os termos “esquecimento” e “reminiscência” como se eles conversassem o sentido preciso que têm na doutrina platônica da preexistência da alma. Portanto, é muito difícil saber se, naquela época, Agostinho se aliava àquela concepção ou se empregava seus termos no sentido propriamente agostiniano de uma reminiscência sem preexistência.

Assim, nota-se que Agostinho, em um primeiro momento, admite a doutrina de Platão em sentido autenticamente platônico, sendo possível acreditar que, no início de sua conversão, Agostinho tenha combinado a doutrina da preexistência da alma com a da reminiscência platônica. Contudo, Gilson destaca que o “que é absolutamente certo no agostinismo definitivo é que a reminiscência platônica encontra-se totalmente liberada da hipótese da preexistência da alma” (GILSON, 2006, p. 149).

Feitas essas considerações acerca da questão da recordação-reminiscência da alma, pode-se retomar a análise do *De Magistro*. Fica claro no longo discurso com Adeodato (cap. III a VI, p. 7-27) que durante o diálogo eles não conseguiam realizar a passagem da palavra como significado

(palavra-sinal) ao significado da palavra (sinal-palavra). Nas diversas tentativas de esclarecer o exercício da linguagem, perceberam que tentavam explicar o significado de uma palavra usando tantas outras palavras. Procediam substituindo palavras por outras palavras, isto é, não conseguiam ir além do mundo dos sinais para alcançar verdadeiramente o significado.

Mediante a solicitação de seu pai, Adeodato faz um resumo do quanto foi dito (VII, p. 27-30). Nesse ponto da discussão, pode-se notar que a ligação entre a palavra e a coisa significada não é direta. Em outros termos, não há uma passagem direta do sinal ao significado. No entanto, há diretamente um significado mostrado sem sinal algum.

Com essas conclusões se encerra a primeira parte da obra. É possível perceber que, neste primeiro momento, o recurso dialético no exame sobre a questão dos sinais se dá como um jogo comum entre Adeodato e Agostinho. O método dialético é não só usado para educar o filho, mas também como um verdadeiro método de pesquisa agostiniano. Se é verdade que Agostinho conduz o filho durante todo o discurso, também se deve admitir que Adeodato é como um reflexo do pensamento do pai, um espelho da pesquisa do filósofo. Essas considerações são importantes para se compreender a passagem para a segunda parte do *De Magistro*³, a qual discorrerá sobre o papel do mestre-educador.

A FUNÇÃO DO MESTRE

Nesse escrito em forma dialogal, Agostinho recorre ao método dialético de derivação platônica para orientar a formação do seu interlocutor. No início do capítulo VIII, Agostinho afirma que procedeu desse modo no discurso “para treinar as forças e agudeza da mente” e não só prepará-la para suportar, mas também para “amar a luz e o calor daquela região onde se encontra a vida bem-aventurada”. De fato, como indicamos desde o início, o filósofo hiponense pretende vislumbrar o caminho a ser trilhado por aqueles que buscam conhecer a verdade, isto é, Deus, capaz de provocar uma vida feliz e eterna aos que o

³ Do capítulo VIII à parte inicial do X.

buscam. O discurso acerca das palavras, portanto, servira para introduzir o tema principal que se entende abordar através do instrumento dialético.

Em *De Magistro*, Agostinho deixa claro que as coisas não podem ser aprendidas pelas palavras, pois, devido o seu valor limitado, as palavras são sinais e não mostram ao homem as coisas para que sejam conhecidas, porém possibilitam que ele recorde algum conhecimento que já possui, ou ainda, estimula-o a procurar conhecer.

Assim, quando uma pessoa não vê a coisa de que se fala, ela pode acreditar ou não nas palavras; já quando ela vê o que está sendo afirmado, aprende. No entanto, esse aprendizado não se dá por meio das palavras, mas pelas próprias coisas que atingem seus sentidos (SOUZA; PEREIRA MELO, 2009, p. 2465), haja vista que as mesmas palavras que soam para quem vê, soaram também para quem não as via.

Agostinho observou que as conversas se reduzem a monólogos paralelos. Acredita-se trocar ideias, mas trocam-se apenas palavras; as palavras não trazem as ideias, elas revelam apenas as ideias que já existem em nós. Por exemplo, um aluno estuda o texto de Daniel 3.94 das Escrituras e lê: “suas coifas nem sequer se chamuscaram”. Por ser um nome que denomina algo para cobrir a cabeça, Agostinho pergunta: “por acaso aprendi o que é cabeça ou que são os objetos para cobrir a cabeça só por ter ouvido o nome⁴?” Não. Para ele, o conhecimento se deu não porque ouviu a palavra, mas porque ele tinha visto (AGOSTINHO, 2008, p. 403, X, 34).

No entanto, caso seja a primeira vez que se ouve essa palavra, o aprendiz, por não saber se tratar de um som ou de algo concreto, pergunta: o que é cabeça? Responde o mestre humano apontando com o dedo para a própria “coisa” que, uma vez visualizada, torna-se compreensível para o aluno. Diante da resposta dada pelo mestre, afirma Agostinho: “porém, como no sinal existem duas coisas, o som e o significado, certamente não percebemos o som pelo sinal, mas pelo fato de ter soado ao ouvido, ao passo que percebemos o significado ao ver a coisa que é significada” (AGOSTINHO, 2008, p. 403, X, 34).

⁴ Neste ponto há uma terceira passagem na obra, quando Agostinho abandona o método dialético para conduzir um longo discurso, de primordial interesse para a nossa discussão.

Interpretando a proposta apresentada por Agostinho, Gilson (2006, p. 144) salienta:

Será possível descrevê-lo sob a condição de usar com ele palavras e gestos correspondentes às coisas que já tenha visto; ou poderemos desenhá-lo para torna-lo visível e, neste caso, será a visão mesma da coisa, e não palavras, que irá ensinar o que ele é. Em nenhum caso, o professor teria feito penetrar no espírito de seu aluno qualquer ideia que ali não se encontrasse ou cujos elementos componentes ali já não se encontrassem.

Concomitantemente, Soares entende que para Agostinho só há ensino se o ouvinte já conhece a coisa significada pelo determinado sinal; caso não, Agostinho propõe a construção do significado baseado no ato de apontar, o qual permite ao aprendiz associar a sequência sonora ao significado. Dessa forma, “o conhecimento não da coisa, mas do sinal, impede um alcance maior da linguagem” (SOARES, 2002, p. 107).

Expressamos as imagens captadas pelos nossos sentidos, impressas e gravadas na nossa memória. Dessa forma, levamos no âmago da nossa memória documentos das coisas anteriormente sentidas. Nas palavras de Agostinho: “são documentos para nós, pois o que ouve, se as sentiu e presenciou, não aprende por meio de minhas palavras, mas as reconhece por meio das imagens que ele mesmo leva consigo” (AGOSTINHO, 2008, p. 408, XII. 39.).

Agostinho se distancia da doutrina da reminiscência de Platão, dando uma nova orientação à tese platônica. De acordo com Melo, o hiponense, entende que a verdade não é criada pelo pensamento, mas é descoberta por ele e, conseqüentemente, é-lhe anterior. Ademais, a verdade não é descoberta exteriormente, mas por um processo interior, acessível a todo o homem, pois, caso fosse criada pelo homem, assim como a razão é mutável, a verdade também seria, dependendo da particularidade/individualidade da razão de quem tivesse criado (MELLO, 2005, p. 86).

Em virtude disso, Agostinho propõe a Teoria da Iluminação, em que o discípulo não chega à verdade por meio das palavras ditas de seu mestre, mas por intermédio de uma contemplação que se realiza no seu interior, que é possibilitada por Deus.

Primeiramente, Agostinho se apoia no que foi dito por Paulo: “O homem exterior vai caminhando para sua própria ruína, o homem interior se renova de dia em dia” (2Co 4,16) ou em outras passagens de São Paulo, tais como Rm. 8,10 e Ef. 3, 17. Ademais, do ponto de vista filosófico, Agostinho retomará Plotino com sua ideia de se voltar para dentro, além de Cícero e Sêneca. Importante, porém, é que não somente adota a ideia de movimento para dentro e a da verdade, como também fará a fusão de fontes bíblicas e filosóficas com a finalidade de formular sua noção de interioridade. Assim, ele comporta a ideia de movimento para dentro e de um espaço habitado pela verdade. O espaço interior será pensado como um espaço habitado pelo divino, ou seja, habitado por Deus ou por Cristo, já que Cristo é a verdade (Jo 14,6) (SOARES, 2002, p. 81-82). Como podemos ver, conforme argumenta Agostinho em *De Magistro* (2008, p. 408, XII, 40):

Porém, quando se trata das coisas que percebemos com a mente, isto é, pelo intelecto e pela razão falamos daquelas coisas que enxergamos estarem presentes naquela luz interior da verdade, pela qual é iluminado e da qual goza o que se diz do homem interior; então, também aquele que nos ouve, pela sua própria contemplação conhece o que digo, não por minhas palavras, se ele vê as coisas interiormente e com olhos simples. Portanto, nem sequer a este, que vê coisas verdadeiras, estou ensinando ao dizer-lhe coisas verdadeiras, porque ele é instruído não por meio de minhas palavras, mas mediante as próprias coisas que lhe ficam claras sendo Deus que lhas revela interiormente.

Assim, em Agostinho, o verdadeiro mestre é a Verdade, que não é nem a do professor nem a do aluno, mas comum a ambos e presente em ambos. Logo, o mestre não transmite o que sabe ao seu discípulo, mas tem o papel de estimulá-lo. Conforme as palavras de Adeodato no final do diálogo: “realmente, de tudo o que falaste aprendi que as palavras não fazem senão estimular o homem a aprender e que, seja qual for o pensamento de quem fala, é muito pouco o que transparece através de suas palavras” (AGOSTINHO, 2008, p. 415, XIV 46.).

Analisando a proposta agostiniana sobre a função do mestre humano, Gilson (2006, p. 153-154) afirma:

Na realidade, os mestres apenas expõem, com a ajuda de palavras, as disciplinas que eles professam ensinar; em seguida, aqueles que

se nomeiam “alunos” examinam em si mesmos se o que os[sic] professor dizem é verdade. Quem, então, é o verdadeiro mestre? É o professor? Mas, na perspectiva da verdade, o professor está na mesma situação que seu discípulo: muito menos um ensinador do que um ensinado.

No livro *De Magistro*, Agostinho se coloca contra uma sabedoria feita somente de palavras. Elas possuem um valor, mas não conseguem exaurir aquela sabedoria que deve ser buscada na própria interioridade. Afinal, o homem vê em si mesmo uma verdade intelectual, podendo fazer uso das palavras somente para aprender na interioridade. Afinal, elas trazem à mente as coisas de que são sinais. Portanto, o intelecto humano deve tornar-se capaz de suportar a luz dessa verdade ou, em outras palavras, preparar-se para a contemplação direta dela na *visio Dei*, causa direta da felicidade humana.

Se o mestre exterior despertará o interesse do ouvinte pela busca do conhecimento, o mestre interior ensinará a verdade que habita em cada homem. Quando se trata da sabedoria ou verdade em Agostinho, afirma-se algo que reside na intimidade humana. Somente no seguimento do mestre interior e respeitando o acordo entre fé e razão, o homem conseguirá transcender a esfera sensível e se orientar ante uma verdade superior. De fato, cabe ao mestre interior levar o homem à compreensão de si mesmo que, por sua vez, desdobra-se em via de acesso a Deus. De fato, considerado em si mesmo, Deus é inacessível ao intelecto humano; todavia, essa verdade se abriu no tempo e na história através do Logos, da pessoa de Cristo, levando o homem a se deparar com um conhecimento inteligível inscrito na própria interioridade (AGOSTINHO, 2008, p. 407-410, XII.). Retoma-se, assim, o que foi dito no início de *De Magistro*:

Quem fala, pois, dá exteriormente o sinal da sua vontade por meio da articulação do som: mas devemos procurar Deus e suplicar-lhe no mais íntimo recesso da alma racional, que se denomina o homem interior; quis Ele que fosse este o seu templo. Não leste no Apóstolo: “Não sabeis que sois o templo de Deus e que o espírito de Deus habita em vós”, e que “Cristo habita no homem interior?” E não reparaste no que diz o Profeta: “Falai dentro dos vossos corações e nos vossos leitos arrependei-vos: ofereci os sacrifícios da justiça e confiai no Senhor”? Onde crês que se podem oferecer os sacrifícios da justiça a não ser no templo da mente e no íntimo do coração? (AGOSTINHO, 1980, I.).

Cristo, portanto, revela-se como único mestre (interior) da verdade. Todavia, o fato da iluminação divina ter um papel primordial na teoria agostiniana do conhecimento não nega que o mestre exterior assume uma função importante no favorecimento da ação divina, na medida em que ele estimula o discípulo a voltar-se para a própria interioridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agostinho de Hipona usa toda a sua perspicácia e capacidade de arguição para, no diálogo com seu filho Adeodato, na obra *De Magistro*, apresentar a finalidade das palavras. Com isso, Agostinho se torna o patrono da semiótica (a teoria linguística dos sinais). A partir dele, outros filósofos buscaram entender a finalidade da linguagem, como, por exemplo, Wittgenstein⁵.

No *De Magistro* nota-se dois conceitos importantes na filosofia agostiniana: A Teoria dos Sinais e a Teoria da Iluminação. A novidade proposta por ele está na sua afirmação de que as palavras não ensinam, já que as palavras são apenas sinais cujos significados só são entendidos quando o interlocutor já tenha visto a “coisa” à qual se refere a palavra. Sendo assim, para ele, somente com o auxílio do gesticular ou apontar, o mestre humano poderia fazer com que o aprendiz compreendesse o que está sendo dito. Portanto, ele entende que as palavras objetivam a recordação.

A função do mestre humano não é diminuída com essa proposta, mas limitada, uma vez que, para Agostinho, além das palavras não ensinarem a verdade, ela também não é criada pelo pensamento nem pelas palavras, mas descoberta. A Teoria da Iluminação versa que a verdade está dentro do indivíduo e, portanto, o mestre humano não ensina a verdade, mas estimula o discípulo a descobrir a verdade; assim, a verdade é o verdadeiro mestre. Esta verdade, para Agostinho, é o próprio Cristo, que ilumina o interior do homem.

⁵ WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979 e WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Ed. USP, 1968.

Logo, o mestre humano tem a função de favorecer a ação divina, fazendo o discípulo voltar a sua própria interioridade.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **O Mestre**. In: *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre*. Trad. Frei Augustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **O Mestre**. Trad. Ângelo Ricci. In: *Confissões, Do mestre (Os pensadores)*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

GILSON, Étienne. **Introdução ao Estudo de Santo Agostinho**. Trad. Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006.

HORN, Christoph. Agostinho – Teoria Linguística dos sinais. Trad. Roberto Hofmeister Pich. **Veritas**, v.51, n.1, p. 5-17, 2006.

MELO, José Joaquim Pereira. Santo Agostinho e o problema da aprendizagem humana. **Revista Imagens da Educação**, v.5, n.1, p. 82-94, 2015.

MONDIN, Batista. **Curso de Filosofia**. vol.1. São Paulo: Paulus, 1981.

PIERETTI, Antonio. **Introduzione a Agostinho, Il maestro**. Milano: Paoline, 1990.

PLATÃO. **Mênon**. Trad. Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001.

SOARES, Lucia Mac Dowell. **Verdade, Iluminação e Trindade. O percurso da “interioridade” em Santo Agostinho**. Tese de Doutorado (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Filosofia da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2002.

SOUZA, Mariana Rossetto. PEREIRA MELO, José Joaquim. *A educação em Santo Agostinho: Processo de interiorização na busca pelo conhecimento*. In:

IX **Congresso Nacional de Educação** – EDUCERE/ III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Porto Alegre, 2009.

SPICA, Marciano Adilio. A insuficiência da linguagem: apontamentos a respeito da De Magistro de Agostinho. **Revista Espaço Acadêmico**, v.10, n.109, p. 71-79, 2010.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979.